

FLAVIO AGUIAR & SANDRA GUARDINI T. VASCONCELOS (Orgs.)

## ÁNGEL RAMA

LITERATURA E CULTURA NA AMÉRICA LATINA



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*Reitor*

Jacques Marcovitch

*Vice-reitor*

Adolpho José Mele



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*Presidente*

Plínio Martins Filho (Pro-tempore)

*Comissão Editorial*

Plínio Martins Filho (Presidente)

José Mindlin

Laura de Mello e Souza

Murilo Marx

Oswaldo Paulo Forattini

*Diretora Editorial*

Silvana Biral

*Diretora Comercial*

Eliana Urabayashi

*Diretor Administrativo*

Renato Casbucci

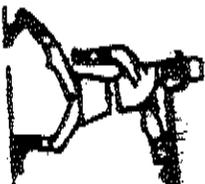
*Editor-assistente*

João Bandeira

*Produção*

Rachel da Corte dos Santos

Eiza Casparotto



BRUNO MASCARENHA



---

## APRESENTAÇÃO

Ángel Rama figura como um dos principais críticos de uma geração de intelectuais preocupada em pensar a questão da América Latina. O próprio conceito de *geração* foi utilizado por ele para agrupar intelectuais que tivessem não apenas nascido numa mesma época, mas também participado de um mesmo contexto socioeconômico-cultural. Rama se inclui na geração reunida em torno do semanário *Marcha*, formado por críticos empenhados na discussão e divulgação da cultura latino-americana. Sempre defendeu incansavelmente a tese de que uma América Latina integrada existe, mas como um projeto a ser delineado pelo trabalho intelectual.

Essa integração cultural pode ocorrer por meio de várias formas de expressão artística, mas Rama deteve-se nas especificidades da literatura enquanto forma expressiva de arte e também enquanto *sistema*.

O conceito de *sistema literário*, que equaciona autor, obra e público, proposto por Antonio Candido, é utilizado por Ángel Rama para discutir tanto a poesia<sup>1</sup> como a prosa latino-americanas. Aliás, é nesta última, mais

1. Ver os ensaios "O Sistema Literário da Poesia Gaucheca" e "O Poeta no Carnaval Democrático".

pecificamente no romance, que o crítico se detém na maior parte de sua obra crítica. Para Rama, o romance é o gênero decisivo na formação da literatura latino-americana<sup>2</sup> e ele aponta pelo menos três fatores que justificam seu estado mais detalhado.

O primeiro se estende às próprias origens do gênero que, tendo surgido a partir de (e dirigido para) uma emergente sociedade burguesa, esboçou uma inevitável relação com a subversão da ordem preexistente, esse caráter subversivo reside em sua capacidade de fazer com que a sociedade se enfrente e se deprece com questões relativas às transformações de sua estrutura.

O segundo fator tem a ver com a perspectiva de que a classe média surge tardiamente na América Latina, razão pela qual é somente em fins do século XIX que o romance adquire autonomia de gênero em termos contintais. Rama ressalva o caso brasileiro, em que o romance conta precocemente com a recepção mais ampla de autores como José de Alencar e Machado de Assis, que consolidam em nosso país um sistema literário definido entre dois outros.

Em terceiro lugar, há que se considerar as características do romance enquanto forma literária. Um dos seus principais recursos é o amplo potencial linguístico, que permite a invenção de uma linguagem capaz de recuperar formas populares ou indígenas e incorporá-las ao discurso literário. Se elaborada com êxito, tal linguagem evita a representação caricatural e pitoresca.

João Guimarães Rosa, José María Arguedas, Gabriel García Márquez, Juan Rulfo são, para Rama, os romancistas que melhor solucionaram, no plano estético, a tensão entre universalismo e regionalismo, tão característica de países de extração colonial. Resumindo, o pensamento de Rama, pode-se dizer que as inovações europeias lidas como modernas, vanguardistas, entram em choque com a herança cultural local, que procura preservar os valores tradicionais, ainda que não tenham sido gerados aqui.

Ver o ensaio "A Formação do Romance Latino-americano".

Essa tensão é superada por meio do processo denominado *transculturacão*<sup>3</sup>. A proposição desse termo foi feita pelo antropólogo Fernando Ortiz em 1940 e expressa os processos de contato entre culturas diferentes colocadas no jogo da dominação imposto sobretudo pelo empreendimento colonial<sup>4</sup>. Nesse jogo, ocorre, de início, uma parcial desmistificação, que implica perda de componentes considerados obsoletos; em seguida, há incorporações procedentes de uma cultura externa e, por fim, um esforço de recomposição ou *neoculturacão*, articulando os elementos sobreviventes da cultura originária e os que vieram de fora.

Rama acrescenta os critérios inventivos e seletivos de uma comunidade cultural ao conceito de *transculturacão* que, aplicado à análise literária, será a base de sua reflexão teórica acerca da literatura latino-americana. Nas obras literárias, o processo transculturador realiza-se em três níveis: o linguístico, o da estruturação e o da cosmovisão. O nível mais imediato — o da língua — resgata os modos de expressão regional, resultando na criação de uma linguagem literária peculiar. Esse uso da linguagem como invenção específica do romance tem como efeito a incorporação de elementos líricos e dramáticos na narrativa. Os romancistas dão voz a diversas culturas, ágrafas ou não, estabelecendo um diálogo entre a tradição popular e a erudita. *Gran de Sertão: Veredas*, *Los Ríos Profundos*, *Com Anos de Solidão* e *Pedro Páramo* são exemplos de obras que, ao resgatar o imaginário popular, utilizam inventivamente a linguagem.

O nível de estruturação narrativa corresponde à construção de mecanismos literários próprios, suficientemente resistentes ao impacto modernizador, porém adaptáveis às novas circunstâncias. O processo abrupto de modernização por que passam a América Latina a partir da segunda metade do

3. Ver os ensaios "Os Processos de Transculturacão na Narrativa Latino-americana" e "Literatura e Cultura".

4. Rama inicialmente utilizou o termo *aculturacão*, substituído depois por *transculturacão* (Ortiz, Fernando, *Campesinato Cultural del Tlaxco y el Azteco*. Havana: Consejo Nacional de Cultura, 1963) por expressar melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra.

século XIX, nos níveis social e econômico, abre espaço para a modernização da literatura, que se dá em três momentos distintos: no final do século XIX, por volta de 1992 e com a nova narrativa latino-americana da chamada "generación del medio siglo".

Para escritores do primeiro e segundo momentos, a Europa era tida como modelo de modernização: ser moderno, então, sobrenado na América hispânica, era ingressar nas tendências artísticas europeias. No Brasil, há particularidades em relação ao Modernismo/Vanguardismo da década de 1920. Aqui vemos questões como a indígena e a dos negros e mestiços levantadas de modo diferenciado do hispano-americano. As classes subalternas não são apenas tematizadas, mas suas características culturais aparecem também na articulação dos valores do sistema literário. Para Ángel Rama, *Macanaima*, de Mario de Andrade, é um bom exemplo de como se dá essa articulação. Como os modernistas brasileiros tão bem perceberam, não havia que se buscar o "primitivo" na África ou nos elementos indígenas estrangeiros. Tanto a África quanto os elementos indígenas estavam no país, faziam parte da realidade brasileira e de sua cultura. E, portanto, necessitavam de uma abordagem que superasse a mera exploração temática. Já a "generación del medio siglo", que, para Rama, também abrange os brasileiros, reage às influências literárias europeias propondo a autonomia de temas próprios e a articulação original dos mesmos, além da valorização do específico latino-americano.<sup>5</sup>

O terreno nível, a cosmovisão, é o ponto em que se engendram significados, definem-se valores, desenvolvem-se ideologias, e é, por isso, o que mais oferece resistência às mudanças dessa modernidade homogeneizadora. A renovação artística, no período entre-guerras, deixa de lado o discurso lógico-racional e incorpora à cultura contemporânea uma nova visão do mito, que aparece como uma categoria válida para interpretar os traços da América Latina. As operações transcultradoras liberam a expansão de novos relatos míticos e, ao mergulhar nas fontes locais e na sua he-

5. Ver "Meio Século de Narrativa Latino-americana: 1992-1992".

rança cultural, recuperam outras estruturas cognitivas, opondo ao simples manejo de mitos literários o que Rama chama de "um exercício do pensar mítico". Dessa forma, os narradores realizariam a busca da singularidade e da identidade das várias culturas regionais latino-americanas, estabelecendo, num continente tão carente de unidade, vínculos entre as suas diferentes comarcas.

Os três níveis seriam articulados pelo romancista, ao longo de um processo transcultrador, de acordo com as particularidades de sua região. Assim, para o crítico, a divisão das literaturas latino-americanas segundo cada nação é puramente artificial, seguindo normas geopolíticas impostadas ou divisões territoriais pautadas pelo interesse das elites conservadoras.

Negando essa divisão, Rama cria o conceito de *comarca*<sup>6</sup>, área onde há homogeneidade de elementos naturais, étnicos e culturais que convergem em formas similares de criação artística. São exemplos de comarca o Caribe, a área pampaeana, que engloba trechos da Argentina, do Uruguai e do Brasil, e a área que corresponde ao antigo Tahuantinsuyu dos Incas, ultrapassando as fronteiras do Peru e da Bolívia.

Os problemas decorrentes da inserção do escritor latino-americano em sua comarca e de sua participação num sistema literário foram tratados por Ángel Rama ao longo de sua obra. Entre outras questões, discutiu a fundamentação econômica da atividade do escritor, sua relação com o público em geral e com as elites, a condição de se trabalhar com um idioma que muitas vezes se considera alheio à cultura local e o complexo problema da liberdade da criação.<sup>7</sup>

Os textos que compõem a antologia foram escolhidos por problematizarem questões que dizem respeito à importância das formas, à adoção de uma visão eurocêntrica e à incorporação de técnicas modernizadoras por literaturas que anseiam à fundação de uma identidade nacional. Levou-se em conta também a preocupação de Ángel Rama com a produção literária no

6. Ver o ensaio "Regiões, Culturas e Literaturas".

7. Ver, por exemplo, "Los Problemas para el Romancista Latino-americano".

Brasil, uma constante em sua obra, sendo ele um dos poucos críticos a pensar a literatura brasileira no contexto cultural latino-americano, rompendo, de fato, com a tradição de Tordesilhas.

Rama confiava no poder transformador da palavra e acreditava que é a partir da escrita que se realiza o projeto de construção de uma América Latina autônoma. Vendo no ato da escrita, sobretudo, um ato político, tese herdeiro da grande tradição revolucionária e ilustrada do século XVIII, no que também se aproxima da perspectiva crítica de Antonio Candido.



PARA ALÉM DE TORDESILHAS.

## O CONCEITO DE AMÉRICA LATINA E A OBRA DE ANGEL RAMA

É muito difícil cercar um conceito tão contraditório e fugidivo – América Latina – na obra de um pensador tão entregue às contradições e aos caminhos errantes deste mundo como foi Ángel Rama. Descrever a relação entre esse brilhante intelectual e o conceito que ele perseguiu e que o perseguiu é como contar a história de um caso de amor passado em outro tempo – *in illo tempore*. Era um tempo de heróis fundadores e paixões cegantes, de Eldorados revolucionários e dos tenidos infernos das ditaduras, dos purgatórios do exílio, das esperanças levantadas no pós-guerra e dos recios mais que fundados de que elas se enfiçesssem em horizontismos vãos, como de fato aconteceu na maior parte das terras onde essas esperanças pareciam tão firmemente implantadas.

Infelizmente Ángel Rama não viveu o suficiente para nos acompanhar nesta difícil hora dos autos-de-fé das utopias, arrastadas muitas vezes em praça pública até mesmo pelos seus cultores de ontem, e dos mais ardententes, que condenavam outros como infelizes, inimigos do povo e outras palavras do jargão dogmático então em moda. Esquivasse ele (e Marta Traba) hoje aqui entre nós e não temos dúvida de que o embate seria mais

*tebral e Panteleón y la Visitadoras*, das quais quatro se constituem, a esta altura, em uma revisão crítica da sociedade peruana em quase todos os seus estratos na época contemporânea.

## OS PROCESSOS DE TRANSCULTURAÇÃO NA

### NARRATIVA LATINO-AMERICANA\*

1. Uma Resposta Narrativa ao Governo Vanguardismo-Reacionismo

Tanto a narrativa fantástica como a realista-crítica, cujas bases foram formadas na década de 1930 nos maiores conglomerados urbanos da América Latina, particularmente no mais adiantado da época, Buenos Aires, determinam, pelo simples fato de expandir suas novas estruturas artísticas – para o que dispunham dos circuitos de difusão, todos estabelecidos nas próprias cidades onde foram geradas essas propostas estéticas –, o cancelamento do movimento narrativo regionalista que predominava na maioria das áreas do continente e dentro do qual haviam se expressado, de comum acordo, tanto áreas de médio e escasso desenvolvimento educacional como as mais avançadas.

Em um primeiro momento, o regionalismo assumiu uma atitude defensiva fechada que postulava o enfrentamento radical e, portanto, o endurecimento de posições. Houve uma disputa entre “crionistas” e “modernis-

\* *Revista de Literatura Iberoamericana*, n. 5, abril 1974, Maracaibo, Venezuela, Universidade de Zulia, Escola de Letras.

tas" (vanguardistas), que se abre com o texto de quem, por sua idade e obra, era mestre indiscutível, Horacio Quiroga, intitulado "Ante el Tribunal", e que depois é divulgado nas revistas da época<sup>1</sup>. Em seguida, pode ser observado na versão satírica que ofereceu Leopoldo Marechal em *Adán Buenosayres* (1948) ou na teorização a que foi submetida por Alejo Carpentier em *Tientos y Diferencias* (1964), para explicar sua renúncia ao movimento narrativo no qual se iniciou<sup>2</sup>.

Em parte, esse era o mesmo efeito que provocava a terceira posição estética daqueles anos, representada pela narrativa social, ao difundir-se em seu período beligerante, que correspondeu à chamada "década rosca" do antiafascismo universal. Porque, embora traduzisse níveis menos evoluídos da modernidade, já vinha marcada pela urbanização e por uma adesão primária a esquadras importadas, como os do realismo socialista. Paradoxalmente, isso a associa não só ao realismo crítico, como também ao fantástico portenho, contra o qual militou, buscando identificá-lo com um pensamento conservador.

Essa guerra previsível não ocorreu. Foi registrada, por outro lado, uma transmutação do regionalismo que sahrou seus princípios dominantes, em particular os que serviam para elaborar os assuntos rurais e que por isso mantinham estreito contato com elementos tradicionais e mesmo arcaicos da vida latino-americana. Dentro do vanguardismo<sup>3</sup>, o próprio Carpentier, que de fato ficou cá e lá em relação a ambas as correntes, há de ser sensível ao manejo artístico de tais supostos arcaísmos e, por sua vez, Borges, em sua resposta ao livro de Américo Castro (*La Pечилириdad Lingüística Riophanense*), soube avaliá-los corretamente nesse plano da língua.

Mas o desafio era apresentado ao regionalismo. Aceltando-o, este soube resguardar um importante conjunto de valores literários e de tradições

1. "Ante el tribunal", *El Hogar*, Buenos Aires, 11 de set. de 1931, incluído em Horacio Quiroga, *Sobre Literatura*, Montevideo, Arca, 1970.
2. Alejo Carpentier, *Tientos y Diferencias*, México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1964; edição ampliada, Montevideo, Arca, 1973.
- \* Vanguardismo: conjunto de tendências inovadoras na arte e nas letras do século XX, tais como o cubismo e o ultrarismo, que influenciou os países da América Latina de fala hispânica e que no Brasil corresponde ao Modernismo (N.T.).

locais, para o que precisou transportá-lo às novas estruturas literárias, apresentadas, embora não semelhantes, com as quais abasteciam a narrativa urbana em suas múltiplas tendências renovadoras. Um grupo de escritores viu, com lucidez, que se o regionalismo fosse congelado em sua disputa com o vanguardismo e o realismo-crítico, entraria em agonia de morte. Esta interromperia um rico fluxo de formas literárias (o que seria a perda menor, considerando-se sua condição pereneamente transformável), mas também acarretaria a extinção de um conteúdo cultural muito mais amplo, que só por intermédio da literatura alcançara sobrevivência, cancelando-se sua ação eficaz, integradora, sobre o meio nacional, que aparentemente não podia ser cuaprida por outros canais, pelo menos em seu nível artístico.

Dentro da estrutura global da sociedade latino-americana, o regionalismo accentuava as particularidades culturais que haviam sido forjadas em áreas ou sociedades internas, contribuindo para definir seu perfil diferencial. Por isso mostrava propensão para conservação daqueles elementos do passado que haviam contribuído para o processo de singularização cultural, procurando transmiti-los ao futuro como modo de preservar a configuração adquirida. O elemento *tradição*, incluído como um dos vários traços de toda definição de "cultura", era realçado pelo regionalismo (com evidente esquecimento das dificuldades que em sua época ele introduzira na herança recebida) tanto no campo dos valores como no das expressões literárias<sup>3</sup>.

Valores e expressões são invalidados pelas novas correntes, fato normal, pois entre valores e comportamentos existe um estreito vínculo, mas, como também é habitual nesses processos, são as segundas que parecem ceder ao embate, são as estruturas literárias que visivelmente registram uma transferência.

3. Uma enumeração crítica das definições de "cultura" como transmissão de herança social encontra-se em A. L. Kroeber e Clyde Kluckhohn, *Culture: a Critical Review of Concepts and Definitions*, Nova York, Random House, Vintage Books. Deute elas, a de A. R. Radcliffe-Brown abarca largamente esse aspecto: "the process by which in a given social group or social class, language, beliefs, ideas, aesthetic tastes, knowledge, skills and usages of many kinds are handed ("tradition" means "handing on") from person to person and from one generation to another" ("White's View of Science of Culture", *American Anthropologist*, LI, 1949).

mação, procurando, no entanto, resguardar os mesmos valores, embora na verdade situando-os em outra perspectiva cognitiva. O regionalismo largamente se à incorporação de novas articulações literárias, as quais busca, às vezes, no panorama universal, embora o faça com mais frequência no contexto urbano latino-americano mais próximo, evitando com isso que ocorra a substituição drástica de suas bases. Consegue, em vez disso, que voltem a se expandir pelas fronteiras nacionais e continentais e continuem servindo seu objetivo do projeto de conservação e desenvolvimento das culturas locais.

Para resguardar uma mensagem que até o momento fora transmitida com relativa facilidade aos conglomerados urbanos, em parte porque estes viviam sua ampliação pela imigração interna, que os foi constituindo e levando para as cidades enormes contribuições de culturas rurais, foi preciso adequá-las às novas condições estéticas que ali foram sendo idealizadas. Essas respostas tanto aos traços peculiares da evolução urbana, que alixorre e desintegra as culturas rurais, quanto à maior submissão às pulsões externas registradas dentro da cidade, tornando-as obedientes aos modelos estrangeiros, mais prestigiosos por serem glorificados de suposta "universalidade".

Essas operações literárias, que aconteceram dos anos de 1930 em diante – criadores isolados sem contato entre si, mas situados em conjunturas semelhantes –, podem ser vinculadas aos múltiplos processos de aculturação desenvolvidos no contínuo e situam-se dentro de suas coordenadas. Os textos resultantes estarão impregnados de sua problemática e nos oferecerão um repertório de soluções propostas.

No variado panorama aculturante atual, testemunho da dinâmica das sociedades latino-americanas contemporâneas, um extenso capítulo é ocupado pelos conflitos das sociedades regionais que se deparam com a modernização incorporada por intermédio de cidades e portos, proclamada transmissora do progresso e que as *elites* urbanas dominantes instituem. Como foi possível comprovar em inúmeros exemplos, esse processo de aculturação não responde a um mero intercâmbio civilizado entre culturas, mas é a única opção que se impõe para poder solucionar um choque de forças culturais muito diferentes, uma das quais viria a ser previsivelmente desnuda no confronto, sen-

do simplesmente vencida em termos de um pacto. Os regionalistas respondem a esse conflito: tentam evitar a ruptura, que se aproxima, entre os diferentes setores internos que compõem a cultura latino-americana, devido à desigual evolução experimentada e aos diversos ingredientes originários, enquanto asistem a uma aceleração modernizadora.

A cultura modernizada das cidades, respaldada nas fontes externas, transfere para o interior da região um sistema de dominação (aprendido de sua própria dependência de sistemas culturais mundiais), apelando para os novos instrumentos eficazes que a tecnologia recente lhe proporciona, ou seja, não o associa à sua evolução, mas sim intensifica sua submissão. Em termos culturais, permite-lhe, pelo menos por um tempo, o conservadurismo folclórico, que já é uma maneira de sublocar uma cultura ao dificultar sua criatividade e atuação, e esse é um primeiro passo no caminho da homogeneização cultural segundo as normas urbanas, ainda que dentro de uma situação de dependência detornadora pela restrição que opõe ao poder de tomar decisões nas regiões internas. Para estas últimas, onde se assentam sociedades de múltiplas configurações culturais com predominância da de tipo rural, os centros das capitais apresentam um dilema que é igualmente fatal em qualquer um de seus termos: ou retroceder e morrer ou morrer imediatamente.<sup>4</sup>

Nem bem foi proposta, comprovamos o aparecimento de criadores literários que constroem as pontes indispensáveis para resgatar as culturas regionais. Manejam de um modo imprevisível e original as contribuições artísticas da modernidade. Mas, além disso, e o mais importante, é que revêem, à luz que ela projeta, os próprios conteúdos culturais regionais em busca de

4. Vitorino Lamtnerari considera esse impacto modernizador um fator de desintegração cultural ("Desintegración cultural et processus d'acculturation", em *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. XII, jul-dez. 1965): "Um terceiro fator de desintegração cultural depende do processo de modernização dos países dependentes e pode interferir no processo de urbanização e de migração. Como assinalou L. Wirth, para muitas sociedades, o sacrifício de sua integridade cultural aparece como o pesado tributo pago ao progresso. O processo sociológico e paralelo ao da modernização". Sobre a inflexão urbana do processo, ver o artigo de Ralph Beals: "Urbanism, Urbanization and Acculturation", em *American Anthropologist*, LIII, 1951.

























